

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE

GABRIEL FONSECA BARRETO, IGOR LOPES DE SOUZA, MATHEUS DE
OLIVEIRA AMORIM E PEDRO VIANA PAES MOZER

TRABALHO DE HISTÓRIA

DITADURA NO BRASIL E NA ARGENTINA

Macaé - RJ

A Ditadura Militar brasileira, que iniciou-se em 1968, teve um grande impacto social no Brasil. Tal movimento afetou todas as mais diversas áreas, inclusive marcou a história do futebol nacional.

Os primeiros anos da ditadura, do castelo foram brandos, mas o que a gente tem como a repressão, à violência, tortura começam mesmo a partir de 69 quando a linha dura chega ao poder. Em um dos seus primeiros atos castelo branco cria o SNI, serviço nacional de informações, uma imensa rede de informantes e agentes secretos que transformam o país em um estado de segurança nacional. Escolas, universidades, empresas privadas, ou estatais, autarquias, sindicatos estavam todos sob controle do regime militar.

Com o intuito de manter o controle, os novos donatários do poder entenderam que a paixão maior do brasileiro, futebol, devia estar sob o estrito controle do estado.

O futebol não era visto apenas como algo a ser controlado com imenso potencial de propaganda. A modalidade foi trazida para perto do governo. Na primeira copa do mundo do regime militar a seleção brasileira se transformou em um grande teatro. No palácio das laranjeiras, o presidente da república recebeu diretores da CBD e os jogadores que regressaram invictos de excursão recente a vários países da europa e da áfrica.

O regime militar confiscou os símbolos nacionais, transferiu a bandeira como um símbolo do regime, o patriotismo como expressão é de ligação ao regime militar.

Na preparação de 66 você teve um modelo bastante sujeito e que é amplamente criticado. Em que foram convocados quatro times verde, amarelo, azul, e branco ao mesmo tempo, esses jogadores ficaram no mínimo três meses em preparação no Brasil. Cada uma dessas equipes tinham um itinerário pré-definido entre o governo e a CBB, ocorrendo uma série de cidades que eram consideradas cidades estratégicas tanto capitais, quanto cidades importantes do interior, principalmente: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O fiasco brasileiro foi a óbvia consequência de uma preparação caótica.

A partir de 1967 os clubes de futebol passaram a submeter ao governo o nome de qualquer postulante ao cargo de dirigente e os documentos não deixam dúvidas que os clubes estavam sob absoluto controle. Além dos clubes, nas principais federações de futebol o controle era de amigos do regime. O presidente da federação do Rio de Janeiro consta como informante em inquéritos dos órgãos

de segurança. Em Minas Gerais, o presidente da federação coronel da polícia apesar de investigado e acompanhado em diversos casos de corrupção permanece no poder durante toda ditadura.

Temos como exemplo da influência governamental no futebol a demissão do técnico Saldanha. Poucas pessoas na história republicana foram tão vigiados como ele. O cargo de treinador da seleção brasileira ampliou sua voz. Os militares sabiam que saldanha aproveitava as suas viagens ao exterior para levar documentos que denunciavam a tortura no brasil e ajuda para exilados. Saldanha foi demitido após não escutar o pedido de Médici para convocar o jogador Dadá Maravilha. O sucessor de Saldanha foi o Zagalo, que ganhou a Copa do Mundo de 1970. O governo de Médici usou este título da seleção como propaganda, com isso ele conseguia manter a imagem de um país em desenvolvimento e conseguia manter a população sob controle. Na copa de 1974 a seleção brasileira decepcionou seus torcedores com a não conquista do título e neste ano o regime militar perdeu popularidade entre a população.

Em 1976, uma ditadura militar de extrema-direita foi instaurada na Argentina. Onde ficaram por sete anos (de março de 1976 a dezembro de 1983). Em 1978, a seleção de futebol da Argentina venceu a Copa do Mundo em casa. Similarmente ao que ocorreu no governo Médici, quando a seleção brasileira conquistou o tricampeonato. Mistificando que a conquista foi regime, ignorando outras variáveis, atores e realidades que viveram o evento. Como aponta essa foi a principal memória construída pelos meios de comunicação e incorporada tanto pela sociedade quanto pelos meios esportivos após o fim da ditadura, nos primeiros anos da década de 1980. Desde então, a memória da vitória e da própria Copa - incluindo sua organização e seu cotidiano - foram espaços de disputas, acompanhando, de certa forma, a própria memória construída e renovada ao longo de décadas sobre a última ditadura argentina no século XX.